

Com o tema *Feuerbach: Antropologia e Ética*, o presente número da Revista *Dialectus* toca em um dos temas mais caros do pensamento feuerbachiano. Caro, porque, para o autor alemão, o homem, enquanto ser universal, é aquele que dialoga diretamente com a natureza, não apenas através de sua vontade ou de sua razão, mas também através da sua sensibilidade, o que demonstra desde então, na obra de Feuerbach, um apelo aos sentidos ou à afetividade humana como uma importante instância na configuração de sua relação com a realidade objetiva ou com o mundo natural. O homem, dotado de sensibilidade, razão e vontade, é capaz de perceber-se como indivíduo e como espécie. Como indivíduo percebe-se limitado. Como espécie descobre a sua essência. Sua essência e todas as suas potencialidades e desejos que ele as projeta para fora de si e as chama de Deus. Feuerbach, com sua crítica à religião, - e aqui é inevitável não relacionar o ateísmo de Feuerbach ao seu pensamento antropológico e à sua ética - quer restituir ao homem sua importância e demonstra que a teologia é, na verdade, uma antropologia.

Isto constitui a base do pensamento ético de Ludwig Feuerbach. Para o autor de *A Essência do Cristianismo* o homem não é um ser ilimitado, com uma vontade pura, que pode determinar a si sem uma relação efetiva com a natureza. Ao contrário, para o pensador alemão, a natureza ou a realidade objetiva, tem uma existência independente, *a priori*, do espírito do homem. Por isso, a natureza constitui-se em seu aspecto mais fundamental como autônoma e independente do homem. Nesse sentido, Feuerbach põe a natureza frente ao espírito, uma vez que ela, a natureza, é anterior a ele e tem primazia frente ao entendimento humano. No entanto, a realidade objetiva ou a natureza, torna-se para o homem, através dos seus sentidos, fonte de ligação de sua sensibilidade com o mundo exterior, o fundamento e a essência de sua vida.

Desta forma, a fundamentação de uma ética materialista aos moldes do pensamento feuerbachiano é desde sempre uma crítica a toda ética apriorística, transcendental, ilimitada, abstraída das determinações, da situação concreta, baseada numa vontade incondicionada, indeterminada, numa pretensa liberdade humana independente tanto dos limites e das leis da natureza externa, quanto da natureza interna, da determinação corporal e das necessidades naturais humanas. Portanto, para Ludwig Feuerbach, uma ética que se pretenda essencialmente humana deve levar em consideração as condições materiais postas ao homem, seu lugar, sua origem, o clima, a sociedade, o meio em que vive, como condição real para que a sua vontade, mediada

pelas circunstâncias objetivas que o cercam, possa de fato efetivar-se. Tais condições são, inclusive, fundamentais à liberdade humana, pois trata-se, para Feuerbach, de uma vontade não metafísica, ilimitada, mas concreta e interligada diretamente com o real, com a natureza objetiva.

Assim, tocando a fundo estes temas - “natureza”, “antropologia”, “vontade”, “liberdade” e “ética” - iniciamos o dossiê *Ludwig Feuerbach: Antropologia e Ética* com o artigo do Professor Doutor Eduardo F. Chagas (UFC/CNPq). No artigo intitulado “A Vontade é Livre? Natureza e Ética em Ludwig Feuerbach”, o autor articula os conceitos supracitados para afirmar que a vontade não é livre absolutamente, porém, sem recair em um determinismo absoluto, pois, a liberdade sempre cumpre ser efetivada na relação entre vontade e objetividade ou entre vontade e natureza. Desta forma, como coloca Eduardo Chagas, “ter vontade é sempre ter vontade de algo, já que ela é sempre vontade mediada por um objeto, e é só, através das condições e mediações, que se alcança a liberdade, e, assim, a vontade se torna concreta”.

O artigo de Ursula Reitemeyer (Universidade de Münster), intitulado “*Philosophie der Zukunft oder eine Zukunft ohne Philosophie? Ludwig Feuerbachs praktische Philosophie im Spiegel des revolutionären Vormärz*” (*Filosofia do Futuro ou um Futuro sem Filosofia? A Filosofia Prática de Ludwig Feuerbach como espelho do revolucionário Pré-Março (de 1848)*), trata da filosofia pré-março de 1848, ou seja, do período que vai de 1830 (da Revolução de Julho na França) até 1848 (até a Revolução de março na Alemanha). Nesse período, a filosofia pré-março de 1848 foi dominada por duas diferentes escolas hegelianas: de um lado, uma corrente que pretendia dar continuidade ao sistema especulativo de Hegel, buscando fundamentar e defender o Estado moderno, e, de outro lado, uma outra corrente, representada pelos “filósofos do futuro”, como os irmãos de Feuerbach, o próprio Feuerbach, Marx etc., que buscava romper com o sistema de Hegel e com suas raízes teológicas. Os “filósofos do futuro” almejavam uma filosofia não só teórica, mas também, e principalmente, prática, com um programa prático, voltado para a secularização e o esclarecimento dos indivíduos, que criou as condições para a unificação e democratização da Alemanha, embora isto só venha a ser efetivado, em média, uns 140 anos depois.

No artigo da Professora Doutora Adriana Serrão (Universidade de Lisboa), intitulado “*Ser e Agir: Para uma Articulação entre Antropologia e Ética em Ludwig*

*Feuerbach*”, a autora tem como intenção “articular os conceitos de antropologia e de ética em Ludwig Feuerbach, inquirindo se devem ser identificados ou distinguidos, isto é, se a Antropologia enquanto filosofia do homem integral contém já implicitamente uma ética, ou se a ética, que é o seu correlato, não será também o seu efectivo aprofundamento”. Desta forma, a professora Serrão se esforça em identificar as variações conceituais que o termo “Antropologia” toma no conjunto da obra de Feuerbach, para assim chegar a uma correlação coerente, deste termo, com a formulação de uma Ética no conjunto da obra do pensador alemão. Deste modo, além das variações do conceito de “Antropologia”, a professora articula teoria e prática afirmando a importância do pensamento de Ludwig Feuerbach para questões contemporâneas como a luta pelos direitos políticos das mulheres e o reconhecimento da Ética para além da comunidade dos entes não humanos, como diz a autora.

O texto do Professor Joaquín Gil Martínez (Universitat Jaume I de Castellón), intitulado “*Eudemonismo y Libertad en la Filosofía Moral de Ludwig Feuerbach*”, afirma que uma antropologia no pensamento feuerbachiano define-se principalmente através de dois conceitos fundamentais em sua filosofia, a saber, os conceitos de *Gattungswesen* e *Sinnlichkeit* aos quais denotam o carácter eminentemente relacional e sensível do ser humano. Nesse sentido, o objetivo do artigo do professor Martínez é afirmar que o carácter eudemonista da filosofia de Feuerbach, a partir de sua relação com a antropologia e com a ética, só poderá ser realizado levando em conta a dimensão sensível e de reciprocidade do homem com a natureza. Desta forma, dirá o autor: “el trabajo reflexiona sobre las implicaciones del eudemonismo y sensualismo con respecto a la libertad humana y su conciliación con la determinación natural que se deriva de la antropología feuerbachiana”.

O artigo intitulado “*Feuerbach: Fundamentos para uma Ética da Sensibilidade*” da Professora Doutora Ana Selva Albinati (PUC – MG) pretende “desenvolver os elementos presentes no pensamento de Feuerbach que sustentam uma “ética da sensibilidade” como questionadora de uma ética racionalista, como, por exemplo, a ética do dever de talhe kantiano”. Deste modo, o que a autora quer, em seu texto, é afirmar que uma “ética da sensibilidade”, na filosofia de Feuerbach, desemboca inevitavelmente em uma espécie de *antropoteísmo* onde o “coração” se eleva frente ao “entendimento”. Assim, o pensamento de Feuerbach, dirá Albinati, além de recuperar em sua ética a dimensão da sensibilidade e dos afetos, configurar-se-á como um

importante contraponto às éticas metafísico-teológicas de Descartes a Hegel, exatamente por valorizar a dimensão da vida em oposição às elucubrações vazias de conteúdo típicas destas especulações filosóficas.

Em “*O Sentido da Crítica à Religião no Pensamento de Ludwig Feuerbach*”, o Professor Doutor Arlei de Espíndola (UEL – PR) tem por objetivo “caracterizar o sentido do problema da religião em Feuerbach visando afastar as ideias negativas que sobre ele recaem”. Para tanto, afirmará o autor, “assim, pode-se compreender que a religião é algo necessário ao homem e que ela não pode ser extinta de sua vida, uma vez que a busca de seu crescimento, visando atingir o cume de sua perfeição, passa pelo seu avanço em termos espirituais e pelo alargamento de sua sensibilidade”. Deste modo, o que Espíndola tem por tese é afirmar que a religião é também uma dimensão de afirmação do homem no sentido em que ele é capaz de representar afirmativamente sua imaginação. Assim, o objetivo de Feuerbach, diz Espíndola, “é mostrar que Deus e a religião são um espelho do homem, trazendo, na sua base, a essência dele, algo que este precisaria de fato tomar consciência”. Este é para o professor da Universidade Estadual de Londrina o real sentido da crítica feuerbachiana à religião como poderemos perceber na leitura de seu texto.

No artigo do Professor Doutor Antônio José Lopes Alves (COLTEC – UFMG) intitulado “*A Morte como Categoria Filosófica: Finitude e Determinação em Feuerbach*”, o autor tem por objeto de estudo a obra *Pensamentos sobre morte e imortalidade*, conjunto de textos de Feuerbach publicado anonimamente em 1830. A partir deste escrito, o autor Antônio José pretendemonstrar que os conceitos da *Bioética* já aparecem nas discussões do pensador alemão especificamente nessa obra. Desta forma, diz o autor, “a morte aparece [no pensamento de Feuerbach] possuindo uma função específica de demarcação do ser concreto dos homens de maneira oposta àquela observada na religiosidade cristã arrimada na noção de imortalidade individual”. E, mais adiante, ele conclui, afirmando que “a compreensão deste caráter imediatamente finito da existência dos homens descortina diretamente a possibilidade da reflexão acerca de outros elementos, tais como a determinação particular da pessoa enquanto esta pessoa, a real significação da temporalidade como construção de uma história específica da vivência, e não como mera passagem abstrata do tempo, entre outros complexos temáticos”. Demonstrando, dessa maneira, como enfatiza o autor, o cuidado de

Feuerbach com a especificidade da existência individual de cada um dos homens, bem como a afirmação do seu caráter finito, essencial para o seu ser e agir no mundo.

O escrito da Professora Doutora Mônica Hallak (PUC-MG) intitulado “*A Presença de Feuerbach nos Manuscritos de 1844 de Marx*” tem como objetivo analisar três trabalhos de foro acadêmico que em suas intenções ajudam a compreender a inserção do pensamento feuerbachiano na obra de Marx, em especial nos seus *Manuscritos de 1844*. Trata-se da dissertação de mestrado do Professor Rodrigo Alckmin que tem como título “*Marx e Feuerbach: da Sensibilidade à Atividade Sensível*” (2003), o livro de José Chasin intitulado “*Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica*” (1995) e um escrito seu chamado “*A exteriorização da vida nos Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*” (2001). Com a análise desses três estudos, o que a autora tem a demonstrar, além da reivindicação feuerbachiana da sensibilidade como importante conceito na configuração do pensamento de Marx, é que “os resultados das pesquisas apresentadas nos três trabalhos – Chasin (1995), Alckmin (2003) e Hallak (1999) – tanto confirmam a presença decisiva de Feuerbach na constituição do itinerário marxiano, quanto apontam as diferenças entre os dois autores que podem ser identificadas já nos rascunhos de 1844”. Assim, é no interior desses escritos que a autora posicionará o seu estudo para os pontos de convergência e discordância entre os pensadores citados, no caso, Feuerbach e Marx.

A professora doutora Fátima Nobre (UFC) em seu artigo intitulado “*O Caráter Ontológico da Filosofia de Feuerbach segundo Lukács*” tem por objetivo “dissertar sobre o caráter ontológico da filosofia de Feuerbach tomando o pensamento de Lukács a partir da sua obra *Ontologia do Ser Social*”. Para a autora, Lukács em várias partes da sua *Ontologia* vai delineando a importância da filosofia de Feuerbach destacando, na obra feuerbachiana, uma ontologia autêntica do ser social. “Tal importância refere-se, principalmente, pela viragem ontológica de Feuerbach em relação a Hegel”, como diz Fátima Nobre. E, assim, complementa a professora da Universidade Federal do Ceará: “podemos afirmar que o caráter ontológico da filosofia de Feuerbach consiste justamente em protagonizar uma virada ontológica ao sustentar a materialidade do ser, pois, para ele, a verdade é o homem e a vida, e não a razão abstrata ou o pensamento desligado do real”. Em suma, trata-se de descer a filosofia dos céus e trazê-la à terra. Daí a filosofia de Feuerbach ser essencialmente uma antropologia e essencialmente uma

ética. É o que Lukács quer informar ao afirmar que o pensamento de Feuerbach é uma “autêntica ontologia do ser social” como explica a professora Fátima Nobre.

O artigo do Professor Doutor Evanildo Costeski (UFC) intitulado “*A Presença de Feuerbach na Lógica da Filosofia de Eric Weil*” tem como intenção perceber a importância do pensamento feuerbachiano na obra *A Lógica da Filosofia* de Eric Weil. Tanto para Feuerbach como para Weil, diz o autor, “Deus é uma projeção do homem e a teologia nada mais é que antropologia. Entretanto, isso não significa que não existam diferenças entre a posição de Feuerbach e a de Weil”. O presente artigo almeja destacar justamente as semelhanças e diferenças da posição da ideia de Deus em Weil em relação à concepção de Feuerbach, e é essa a intenção do autor.

Finalmente, concluímos o nosso dossiê, *Feuerbach: Antropologia e Ética*, com o artigo do Professor Doutor Marcelo de Oliveira (USP-SP) em seu artigo intitulado “*A Peregrinação do Santo Vivo e o Ser de Deus em Feuerbach*”. O que o autor pretende com o seu texto é “pensar a peregrinação do santo vivo e a projeção de qualidades e desejos dos peregrinos refletindo algumas ideias de Feuerbach”. O fenômeno do santo vivo, explica Oliveira, “é a linguagem própria de o peregrino expressar-se e revelar-se e de comunicar o que há de mais profundo em si mesmo, quando ele se relaciona com o santo vivo, descobre-se a si mesmo, vê a sua própria essência e não um personagem reconhecido por alguma instituição. Assim, o peregrino transforma a essência humana em santo vivo. A peregrinação em busca do santo vivo deve ser livre e sem interesse, não é obrigação, mas identificação.” Desta forma, escreve o autor, o que Feuerbach pensa é “o problema de Deus como sendo o próprio homem exteriorizado e é através da religião que o ser humano se expressa”. Sendo assim, o peregrino identifica-se com o santo vivo na medida em que enxerga Deus como a si mesmo, ou seja, sua exterioridade como expressão de si próprio, tal como afirmará o professor Marcelo de Oliveira.

Ao fim do dossiê, *Feuerbach: Antropologia e Ética*, damos início à seção fluxo contínuo que em seu primeiro momento conta com o artigo do Professor Doutor David PavónCuéllar (UniversidadMichoacana de San Nicolás de Hidalgo) intitulado “*La Psicología de Friedrich Engels: de la Teorías Materialistas del Trabajo Manual y del Reflejo a la Crítica del Empirismo y de la Ideología*”. Neste texto, o professor David Cuéllar discute, de forma breve, as principais teorias da psicologia de Friedrich Engels. Sua intenção, com o escrito, é discutir as formulações de Engels intercedendo-as juntas com as psicologias de Marx e Freud. As categorias engelsianas que serão discutidas,

informa o autor, são “la actividad psíquica a partir del trabajo manual, la teoría materialista del reflejo, la crítica teórico-metodológica del materialismo empirista en la elucidación del psiquismo, el análisis de la base reproductiva sexual-familiar de la sociedad y la denuncia de la esencia psicológica de la ideología”. Desta forma, o autor deixa sua contribuição para uma possível interseção entre a teoria do materialismo histórico-dialético com a psicanálise freudiana. É o que intenciona David PávonCuéllar.

O segundo artigo da seção fluxo contínuo é o texto do Professor Doutor Fábio Lopes Vilela Berbel (UNESP) intitulado “*O Marxismo Historicista na Formação de Professores de Educação de Jovens e Adultos (EJA): Teoria e Prática*”. Neste texto, o professor pretende “aprofundar a questão da formação de professores, analisando as possibilidades de superação da divisão do trabalho na escola através do trabalho coletivo, elemento fundamental para a organização do trabalho pedagógico e da didática”. Desta forma, o professor faz de sua pesquisa uma junção de pesquisa teórica com pesquisa empírica, pois Fábio Vilela utiliza “alguns elementos da formação dos bolsistas do Programa Unesp de Educação de Jovens e Adultos (Peja) de São José do Rio Preto (SP), em 2013-2014” para demonstrar no interior da escola a existência da divisão do trabalho entre os membros da comunidade escolar. Assim, conclui o autor “[...] Ao elaboramos a crítica à divisão do trabalho na escola, emerge a temática da gestão democrática na escola, especialmente na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA)”. É esta sua intenção final.

O terceiro texto da seção fluxo contínuo é o artigo do Professor Doutor Enéias Arraes Neto (UFC) intitulado “*Dialética, marxismo multidisciplinar e corporeidade*”. O objetivo do autor, com este artigo, é analisar os vários tipos de expressão do pensamento dialético, em particular, analisando de maneira apurada a dialética marxista. Nesse sentido, o que o autor constata é o forte caráter objetivista, baseado na economia política, do pensamento dialético marxista. Frente a esta constatação, o professor Enéias Arraes Neto observa a insuficiência da dialética de Marx e da tradição marxiana frente a análise do real, exatamente, segundo ele, por desconsiderar importantes dimensões da vida como a afetividade e corporeidade dos indivíduos. Desta maneira, o autor irá retomar o pensamento de Merleau-Ponty – que Enéias irá chamar de marxismo multidisciplinar – e o seu estudo sobre o inconsciente como importante dimensão na análise do real e da esfera não somente objetiva, bem como subjetiva dos seres humanos.

Finalmente, para encerrarmos a nossa seção fluxo contínuo, contamos com o artigo da Professora Doutora Tereza de Castro Callado (UECE) intitulado “*A unidade do particular e os afetos humanos na teoria benjaminiana da sabedoria*”. O objetivo da professora com o seu escrito é verificar, na teoria do conhecimento de Walter Benjamin, como “o particular se articula com a dimensão da força de sua unidade, quando, em um estado de justaposição com outras singularidades, cede à maneira de uma mônada, à sua capacidade de percepção, para comunicar a si mesmo diante do macrocosmo. Essa concepção epistemológica, que emoldura a tematização política de Benjamin visa as arestas da “consciência esclarecida”, precisamente na estrutura da subjetividade moderna. O apelo à mutualidade e reciprocidade característico da mônada aponta para a exigência de uma tematização política do convívio entre os homens, reelaborada para acolher o diferente no universo democrático dos elementos isolados e heterogêneos da totalidade humana, com vistas à comunidade política vindoura”. Assim, o trabalho da professora Tereza Callado se articula entre uma teoria do conhecimento e uma política própria do pensamento benjaminiano. Esta é a principal intenção da autora com a escrita deste artigo.

Em nossa seção, tradução, apresentamos o trabalho de Marquessuel Dantas de Souza (USP) que traduziu da língua francesa para o português o artigo de Louis Althusser intitulado “*Os “Manuscritos de 1844” de Karl Marx (Economia Política e Filosofia)*”.

Ademais, esperamos que os leitores possam deleitar-se com mais este número da Revista Dialectus. Ficamos gratos pela sua visita ao nosso periódico e boa(s) leitura(s).